



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA

VANESSA ARAÚJO TOSCANO DE BRITO

**O ESCOTISMO COMO FERRAMENTA PARA O
DESENVOLVIMENTO SOCIAL DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE
DOWN**

Orientador(a): Prof^ª. Dr^ª. Janine Marta Coelho Rodrigues

JOÃO PESSOA

2016

VANESSA ARAÚJO TOSCANO DE BRITO

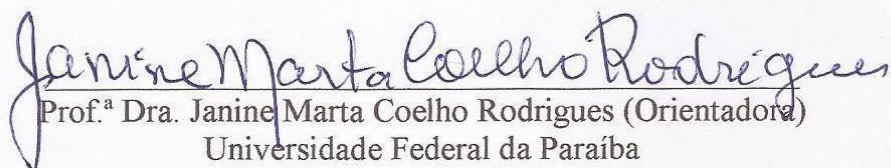
O ESCOTISMO COMO FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL DE
CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

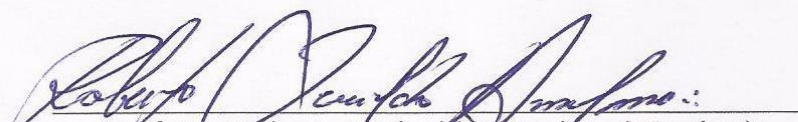
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
curso de Bacharelado de Psicopedagogia do
Centro de Educação da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito parcial para a obtenção
do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

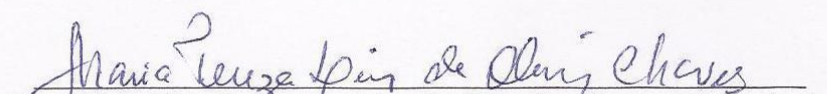
Orientadora: Prof.^a. Dra. Janine Marta Coelho
Rodrigues

Aprovado em: 18, 11 2016.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dra. Janine Marta Coelho Rodrigues (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba


Prof. Dr. Roberto Derivaldo Anselmo (Membro)
Universidade Federal da Paraíba


Prof.^a Ms.^a Maria Tereza Lira de Oliveira Chaves (Membro)
Universidade Federal da Paraíba

B862e Brito, Vanessa Araújo Toscano de.

O Escotismo como ferramenta para o desenvolvimento social de crianças com Síndrome de Down / Vanessa Araújo Toscano de Brito. – João Pessoa: UFPB, 2016.
36f.

Orientadora: Janine Marta Coelho Rodrigues
Monografia (graduação em Psicopedagogia) – UFPB/CE

1. Escotismo. 2. Síndrome de Down. 3. Inclusão. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 376-056.36(043.2)

O ESCOTISMO COMO FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

Resumo: A Síndrome de Down é uma alteração genética que modifica o número correto de cromossomos da espécie humana. A inserção em um contexto sociocultural adequado será de grande importância para a adaptação das pessoas com a Síndrome e os diversos ambientes frequentados por ela são ferramentas essenciais para o seu desenvolvimento. O Escotismo é um desses espaços e se configura como um movimento educacional não formal, que busca trabalhar as potencialidades do indivíduo, através de seis áreas do desenvolvimento (caráter, social, afetivo, espiritual, cognitivo e físico), utilizando-se de um método educativo que se adequa a cada faixa etária. O presente trabalho é um estudo de caso, que objetivou conhecer as contribuições do Escotismo para o desenvolvimento social de crianças com Síndrome de Down. Participou da pesquisa uma criança de oito anos, integrante de um Grupo Escoteiro de João Pessoa. Foram utilizados como instrumentos um protocolo de observação e entrevistas semiestruturadas com quatro chefes escoteiros e os pais da criança. Percebeu-se que o Escotismo é um agente promotor de práticas educativas inclusivas. Entretanto, ainda há longo caminho para percorrer rumo a uma inclusão mais efetiva, com mais pessoas com deficiência participando do Movimento Escoteiro e a veiculação de mais informação acerca de como lidar com as deficiências na prática. Sugere-se a promoção de mais cursos, o convite de mais pessoas com deficiência a participarem do Movimento e a ocorrência de mais momentos entre escoteiros e não escoteiros, para que haja o diálogo entre as diversas esferas educativas sobre o tema.

Palavras-chave: Escotismo. Síndrome de Down. Inclusão.

1 INTRODUÇÃO

Na busca de conceitos sobre a Síndrome de Down (SD), encontrou-se na literatura que ela pode ser definida como uma alteração genética que modifica o número correto de cromossomos da espécie humana (ORÉFICE, 2006). A inserção das pessoas com a Síndrome em um contexto sociocultural adequado será de grande importância para a sua adaptação e bem estar (SILVA; DESSEN, 2002). Sendo assim, o meio social representa um papel fundamental no seu desenvolvimento, visto que poderá fornecer subsídios para compensar suas dificuldades (GAI; NAUJORKS, 2006).

Vygotsky (1988) enfatiza a ideia do homem como ser social em contínua mudança pelo meio quando afirma que este, ao se relacionar com outras pessoas, consequentemente se relaciona consigo mesmo. É, então, dessa forma que a criança com alguma deficiência irá se relacionar consigo mesma: de acordo com o ambiente no qual ela estiver inserida. Sendo assim, se esse ambiente proporcionar atitudes construtivas e de incentivo, ela tenderá a dar uma resposta positiva. Do contrário, se esse ambiente for discriminatório e marcado por atitudes negativas, a tendência será que ela se sinta discriminada e incapaz (ANHÃO; PFEIFER; SANTOS, 2010).

Uma das concepções espontâneas vistas pela nossa sociedade é a de que educar é tarefa apenas da escola. Porém, o processo de ensino aprendizagem é complexo, e se desenvolve em diversos ambientes: na escola, na família, na experiência do dia-a-dia, dentre outros (SILVA, 2012). Esse conjunto de espaços que proporcionam o aprender tem sua importância enfatizada quando se trata de pessoas com algum tipo de deficiência. Tem-se no Movimento Escoteiro (ME) um espaço educacional de caráter não formal, voluntariado, mundial, apartidário e sem fins lucrativos, feito por crianças e jovens e para eles. Sendo assim, surgiu o questionamento: como o Escotismo contribui para o desenvolvimento de crianças com deficiência, em particular aquelas com Síndrome de Down?

Considerando que a sua proposta é o desenvolvimento do indivíduo, por meio de um sistema de valores baseado na Promessa e na Lei Escoteira, através da prática do trabalho em equipe e da vida ao ar livre, fazendo com que o próprio sujeito assuma seu crescimento, porém sem esquecer de ajudar o outro no que precisar, supõe-se que é dessa forma que tais crianças irão se beneficiar no que diz respeito ao seu desenvolvimento, especialmente em aspectos da socialização. A proposta diferenciada de um modelo educativo que vise trabalhar globalmente o indivíduo, respeitando o seu ritmo e o considerando como ser único, capaz de modificar o meio em que vive (e ser modificado por ele), ainda que tenha limitações,

configura-se como uma alternativa interessante em meio a tantas propostas de educação inclusiva que são ofertadas.

A fraternidade escoteira mundial estimula a inclusão de pessoas com deficiência desde o seu fundador, que apesar de ter sido um militar, fez questão de difundir a “educação pelo amor substituindo a educação pelo temor” (BADEN-POWELL, 1922) e o cuidado com aqueles considerados mais fracos: “nós queremos, especialmente, ajudar aos mais fracos para que não sintam sua fraqueza, mas para que ganhem esperança e força”. No prefácio da 26ª edição de “Escotismo para Rapazes” (1940), Baden-Powell escreveu: “o objetivo dos líderes é ajudar não apenas os meninos promissores, mas também, e mais especialmente, os que têm dificuldades”.

Logo, o presente trabalho justifica sua relevância pelo fato de a literatura associando o Escotismo e os seus benefícios às pessoas com deficiência (especificamente em se tratando da Síndrome de Down) ser escassa. Em termos acadêmicos, trata-se de apresentar mais uma estratégia para o desenvolvimento da aprendizagem e autonomia de pessoas com deficiência, visto que o Movimento Escoteiro busca trabalhar as potencialidades do indivíduo em sua plenitude, através de seis áreas do desenvolvimento (caráter, social, afetivo, espiritual, cognitivo e físico), utilizando-se de um método educativo que se adequa a cada faixa etária.

Diante do exposto, o presente trabalho tem por objetivo conhecer as contribuições do Escotismo para o desenvolvimento social de crianças com Síndrome de Down, especificamente visando averiguar as contribuições do Escotismo para o desenvolvimento social de uma criança com Síndrome de Down na perspectiva dos chefes escoteiros; relatar a percepção dos pais dessa criança acerca dos contributos do Escotismo para o seu desenvolvimento social; retratar as relações estabelecidas entre uma criança com Síndrome de Down e os seus pares durante atividades de Sede; descrever as relações estabelecidas entre ela e os chefes escoteiros.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Psicopedagogia é uma área do conhecimento que tem por objeto de estudo a aprendizagem humana. Estuda os aspectos naturais do processo ensino-aprendizagem, bem como as dificuldades que podem ser encontradas nesse percurso. Para isso, intervém de forma a tratar ou prevenir os obstáculos que surgem no processo. Sendo assim, essa área do conhecimento traz grandes contribuições às discussões propostas para as questões relacionadas à inclusão das pessoas com deficiência, oferecendo elementos importantes de análises e proporcionando argumentações teórico-metodológicas, reflexivas e práticas sobre o

desenvolvimento de estratégias para sua aprendizagem, aquisição de habilidades e competências.

Sabendo-se que a aprendizagem humana ocorre em diversos ambientes, e não apenas no escolar, tem-se nesse trabalho uma proposta de inclusão para pessoas com deficiência na perspectiva do Movimento Escoteiro, que se configura como um contexto de Educação Não Formal que proporciona subsídios para o desenvolvimento global do sujeito, especificamente relacionando as contribuições deste para o desenvolvimento social de crianças com Síndrome de Down.

2.1 SÍNDROME DE DOWN

A Síndrome de Down (SD) é uma alteração cromossômica, caracterizada pela presença e expressão de três cópias de genes localizados no cromossomo 21, que ocorre, em média, a cada 1 entre 700 a 800 nascidos vivos (MARQUES; MARREIRO, 2006; NUNES; DUPAS, 2011).

Embora os primeiros estudos científicos acerca da SD tenham surgido no século XIX, possivelmente ela já estava presente na espécie humana há milhares de anos. Na cultura dos Olmecas, tribo que viveu em 1500 a.C. até 300 d.C., foram encontradas esculturas e desenhos de pessoas, cujas características eram semelhantes aos indivíduos com a síndrome. Jean Esquirol, em 1838, fez a primeira descrição de uma criança que se presume ter a SD. Em seguida, no ano de 1844, Chambers define a síndrome como a “idiotia do tipo mongolóide”. Já no ano de 1846, Eduard Seguin descreveu um paciente com semelhantes características, denominando-a de “cretinismo furfuráceo”. Logo após, em 1866, Ducan registrou o caso de uma menina que também apresentava semelhanças com a síndrome (RODRIGUES, 2008; RODRIGUES, 2015).

Porém, a descrição mais elaborada e científica foi feita na Grã-Bretanha, no século XIX, pelo médico inglês John Langdon Down, com base em algumas características observadas em crianças internadas num asilo em Surrey, Inglaterra (TRONCOSO; DEL CERRO, 2004). Quase 100 anos depois da descrição clínica de John L. Down, Jerome Lejeune e Patricia Jacobs (1959) mapearam e relacionaram tal patologia com a presença de um cromossomo 21 adicional, caracterizando tal síndrome como uma alteração cromossômica (MUSTACHI; PERES, 2000). Foi então na década de 1970 que o termo Síndrome de Down foi internacionalmente adotado, em homenagem ao seu estudioso pioneiro (ORÉFICE, 2006).

Diversas são as características que facilitam a identificação da síndrome, que pode ser detectada ainda com o feto em formação. Genotipicamente, a distribuição cromossômica

alterada pode se apresentar de três formas: trissomia 21, na qual aparecem três cromossomos ao invés dos dois habituais no par 21; o mosaico, onde a pessoa apresenta uma mistura de células tanto normais quanto trissômicas; translocação, na qual há uma fusão de dois cromossomos, na maioria das vezes o 21 e o 14, resultando em um total de 46 cromossomos, apesar da presença de um cromossomo 21 extra aderido a outro par (ANGÉLICO; DEL PRETTE, 2011).

No que diz respeito às características físicas, estas geralmente são suficientes para que o médico suspeite da síndrome. Entretanto, não basta uma suspeita e é através do cariótipo que as hipóteses podem se confirmar. Algumas características são comuns, porém nem todas as pessoas apresentarão as mesmas, tanto em quantidade, quanto em intensidade.

Frequentemente é possível encontrar pessoas com a Síndrome apresentando braquiocefalia, base nasal achatada, distúrbios da tireóide, atraso na coordenação motora (grossa e fina), hipotonia muscular, cavidade oral pequena (o que reflete na fala), macroglossalia (conhecida como “língua grande”), cabeça pequena, pescoço curto e largo, mãos e pés pequenos e baixa estatura. Também podem ser observados olhos oblíquos, tórax afunilado, atraso de desenvolvimento neuropsicomotor, prega única na palma das mãos e tendência a obesidade (ANHÃO; PFEIFER; SANTOS, 2010; MOREIRA; EL-HANI; GUSMÃO, 2000; RODRIGUES, 2015; SILVA; DESSEN, 2002).

Bissoto (2005) evidencia que o desenvolvimento do indivíduo com Síndrome de Down resulta de influências sociais, culturais e genéticas, incluindo também as expectativas que surgem em relação às potencialidades e capacidades à aprendizagem das coisas do mundo. A visão dos autores supracitados está em consonância com Vygotsky, cuja teoria foi adotada para fundamentar cientificamente o desenvolvimento social de pessoas com Síndrome de Down, na perspectiva do presente trabalho.

2.2 TEORIA SOCIOINTERACIONISTA: VYGOTSKY E A DEFICIÊNCIA

Lev Vygotsky foi um dos primeiros pesquisadores a se preocupar com os aspectos que envolvem a construção do sujeito a partir de experiências adquiridas através da interação com o outro. Ele foi um dos únicos em sua época a investigar temas em educação especial e fazer grandes reflexões a respeito da aprendizagem das pessoas com deficiência (GAI; NAUJORKS, 2006).

Pai da Teoria Sócio-histórica (também conhecida como sociointeracionista), ele é mundialmente conhecido por enfatizar que o desenvolvimento humano resulta das interações entre o indivíduo e seu contexto social, deixando claro que tal desenvolvimento não pode ser

compreendido separadamente do contexto sociocultural no qual as pessoas estão inseridas (BENETTI; VIEIRA; CREPALDI; SCHNEIDER, 2013).

Para ele, o homem só pode ser entendido através das relações estabelecidas em contextos sociais. Então, criou o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, por meio de experiências com crianças com deficiência intelectual, enfatizando que o olhar que se deve ter sobre as possíveis limitações da pessoa com deficiência, não é de complacência ou desânimo, mas sim o de uma visão dialética do real, levando à constatação de que, se existem problemas, existem também possibilidades. Foi a partir desse conceito que ele investiu no desenvolvimento de sujeitos com uma enorme gama de dificuldades, como crianças com Síndrome de Down, cegas, surdas, com lesões cerebrais, etc. (BORGES, 2010; COSTA, 2006).

2.3 ESCOTISMO

Conforme está escrito na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a educação abrange diferentes áreas:

“A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (art 1º, LDBEN, 1996).

Sendo assim, todos os espaços pelos quais o sujeito permeia, e não apenas a escola, contribuem para a sua formação educacional plena, tendo por objetivo final um indivíduo que participe ativamente da sociedade em que vive.

2.3.1. Escotismo: um Movimento Educativo

Robert Stephenson Smith Baden-Powell (B-P) nasceu na Inglaterra em 1857 e se tornou conhecido no mundo inteiro como fundador do Movimento Escoteiro. Foi em agosto de 1907, na Ilha de Brownsea (Inglaterra), que realizou um acampamento com vinte jovens, entre 12 e 16 anos de idade, onde ensinou técnicas como primeiros socorros, observação, segurança e orientação. Após esse momento, o Escotismo se expandiu rapidamente por diversos países (CAVALCANTE, 2002; THOMÉ, 2006; SILVA, 2012).

Atualmente existem mais de 40 milhões de membros participando do Movimento Escoteiro, registrados em 216 países e territórios, excetuando-se Andorra, China, Cuba, Coreia do Norte, Laos e Myanmar (UEB - RELATÓRIO ANUAL 2014). No Brasil são

82.891 associados distribuídos em 1.291 unidades escoteiras, localizadas nos 26 Estados mais o Distrito Federal (UEB - RELATÓRIO ANUAL, 2015).

O Escotismo é representado no Brasil pela União dos Escoteiros do Brasil (UEB), entidade filiada à Organização Mundial do Movimento Escoteiro (WOSM – *World Organization of the Scout Movement*), com sede em Genebra, Suíça (SERRAT, 2002).

Segundo a UEB, nos livros “Escotismo e Valores” e “Características Essenciais do Escotismo” (UEB, 2013/2011), o Escotismo é um Movimento Educativo, que auxilia no desenvolvimento global e contínuo das potencialidades da pessoa, como indivíduo e como membro da sociedade. A Educação é tida como um processo que dura toda a vida e contrariamente à visão que geralmente se tem, esta vai muito além da educação formal, tanto em seu objetivo quanto em sua duração.

São vários os agentes educativos que contribuem para o desenvolvimento pleno de uma pessoa. A UNESCO (1981) divide esses agentes em três: a chamada educação formal é o sistema educacional hierárquica e cronologicamente estruturado, que se estende desde o ensino básico até o ensino superior; a educação informal é o processo pelo qual cada pessoa adquire atitudes, valores, habilidades e conhecimentos por meio da experiência diária, da família, dos amigos, dos grupos de pares, dos meios de comunicação e de outras influências e fatores do ambiente; por fim, a educação não formal é a atividade organizada, fora do sistema formal estabelecido, que está destinada a servir a uma determinada clientela de aprendizagem, com objetivos educativos identificados.

De acordo com a União dos Escoteiros do Brasil, no livro “As características essenciais do Escotismo” (UEB, 2011), o Movimento Escoteiro pertence à categoria de educação não formal, tendo em vista que, enquanto se desenvolve fora do sistema da educação formal, é uma instituição organizada, com um propósito educativo e que se dirige a uma clientela específica. É, por isso, um complemento dos outros agentes educativos, não se configurando nem mais e nem menos importante que eles. Por meio de um Método, empenha-se em acompanhar cada indivíduo no seu processo de desenvolvimento pessoal.

2.3.2 Projeto Educativo (Propósito, Princípio e Método Escoteiro)

As definições relacionadas com o presente tópico foram embasadas pelas seguintes obras, editadas pela União dos Escoteiros do Brasil: Princípios, Organização e Regras (POR, 2013); Projeto Educativo (SEM ANO); Escotismo na Prática (2011); Características essenciais do Escotismo (2011); Manual do Ramo Lobinho (2013) e Escotismo e Valores (2013).

O Movimento Escoteiro contribui para a educação dos jovens por meio de um sistema de valores, propostos como um projeto para toda a vida. Esta missão se cumpre pela aplicação de um Programa Educativo, que se configura, então, como uma proposta que orienta e direciona as ações de todos os membros do Movimento Escoteiro em todo o mundo, adaptando-se às realidades de cada país, porém mantendo uma base comum, o que faz do Escotismo uma das maiores Fraternidades Mundiais.

Tem como Propósito contribuir para que os jovens assumam seu próprio desenvolvimento, especialmente do caráter, ajudando-os a realizar suas plenas potencialidades físicas, intelectuais, sociais, afetivas e espirituais, como cidadãos responsáveis, participantes e úteis em suas comunidades. Promovendo, criando e fornecendo oportunidades para o pleno desdobramento de toda a complexa variedade de expressões do ser humano.

Os Princípios do Movimento giram em torno de três pilares: Os “deveres para com Deus” se referem à relação de uma pessoa com os valores espirituais da vida, a crença fundamental em uma força superior à humanidade, incentivando o respeito pelas demais manifestações religiosas e a vivência ativa da sua. Os “deveres para com os outros” se referem à relação e a responsabilidade de uma pessoa para com a sociedade em seu sentido mais amplo: família, comunidade local, seu país e o mundo, incluindo o respeito pelos demais e pela natureza. Por fim, os “deveres para consigo mesmo” se referem à responsabilidade de uma pessoa por desenvolver seu próprio potencial, até o máximo que lhe permitam suas potencialidades.

O Método Escoteiro é descrito como um Sistema, o que significa dizer que deve ser concebido como um conjunto de elementos que se conectam, formando um todo unificado e integrado. Por isso a palavra Método é usada no singular, e não no plural.

Cinco são os elementos que compõem o Método. A adesão à Promessa e à Lei Escoteira serve como um instrumento educativo em que estão expressos, de maneira compreensível para as diferentes faixas etárias, os princípios que guiam os membros do Movimento Escoteiro, servindo como ponto de referência para as condutas do indivíduo como um todo.

O “aprender fazendo” é outro componente essencial, pois se trata de encarar a educação de forma ativa, considerando o aprendizado por meio da observação, descobrimento, elaboração, inovação e experimentação. Esta aprendizagem não formal permite viver experiências pessoais que interiorizam e consolidam o conhecimento, as atitudes e as habilidades.

O sistema de equipes se refere à formação de pequenos grupos de pessoas com idades semelhantes, que estimula o processo de socialização, proporcionando um espaço educativo privilegiado para que o sujeito cresça e se desenvolva. Dentro deles, os laços entre os membros são reforçados e cada um também descobre a contribuição que pode dar para a vida em equipe.

Levando-se em consideração que o jogo oferece excelentes oportunidades para experimentar, aventurar, imaginar, sonhar, projetar, construir, criar e recriar a realidade, o Escotismo entende que se trata, portanto, de uma ocasião de aprendizagem significativa para seus membros. Sendo assim, através de atividades progressivas, atraentes e variadas, há uma combinação equilibrada de jogos e diversas outras atividades voltadas para os interesses e necessidades dos participantes, permitindo aos jovens extrair experiências pessoais que levam à conquista dos objetivos que o Movimento lhes propõe para as diferentes etapas de seu desenvolvimento. As atividades, enriquecidas pelo conteúdo educacional, são concebidas de maneira a apoiar este desenvolvimento pessoal.

Por fim, o Método trabalha com o acompanhamento individual de cada participante. Os adultos, chamados escotistas, servem como ponte para que o Projeto Educativo possa ser corretamente aplicado. O adulto ajuda orientando, nunca dirigindo ou controlando. Portanto, o que se espera é que haja o estabelecimento de relações horizontais de cooperação para a aprendizagem, facilitando o diálogo entre as gerações e demonstrando que o poder e a autoridade podem ser exercidos a serviço da liberdade.

2.3.3 Divisão dos Ramos

Os Ramos são meios de organizar os membros conforme sua faixa etária e fase de desenvolvimento. Cada um adapta o Método Escoteiro às características evolutivas e às necessidades particulares de cada idade.

Conforme pode ser encontrado no documento “Princípios, Organização e Regras (UEB, 2013), o Ramo Lobinho atua com crianças na faixa etária entre 6,5 e 10 anos, concentrando sua ênfase educativa no processo de socialização. O Ramo Escoteiro trabalha com o público adolescente de 11 a 14 anos, tendo por foco a criação e ampliação da autonomia. O Ramo que compreende a idade de 15 a 17 anos é denominado Sênior, tendo como ênfase o processo de autoconhecimento, aceitação e aprimoramento das características pessoais. Por fim, tem-se o Ramo Pioneiro, que abarca jovens entre 18 e 21 anos, objetivando trabalhar o processo de integração do jovem com a sociedade, privilegiando a expressão da cidadania e auxiliando na prática da Lei e Promessa Escoteira em um mundo mais amplo.

2.3.4 Ramo Lobinho

O período que a União dos Escoteiros do Brasil denomina de infância intermediária compreende a idade entre os 6 anos e meio até 11 anos incompletos, tendo como ênfase educativa a socialização dessas crianças. As informações a seguir foram embasadas no Manual do Escotista do Ramo Lobinho (UEB, 2013).

As atividades para essa faixa etária são desenvolvidas em um ambiente de fantasia que, aproveitando a forma de pensamento das crianças, serve para desenvolver a proposta do Movimento de uma maneira compreensível para elas. Não se trata, portanto, de substituir a realidade pela ficção, mas de colocar ao alcance das crianças uma forma de comportamento e um modelo de sociedade, por meio de símbolos e imagens, que serão para elas mais compreensíveis que as ideias e os conceitos.

A Alcateia é formada por meninos e meninas (mais conhecidos como lobinhos e lobinhas), vivendo em uma atmosfera que envolve vida de grupo e tendo como fundo de cena motivador o livro da Jângal, de Rudyard Kipling (1894). Trata-se de um conjunto de fábulas - composição literária que, por meio da ficção e da personificação dos animais, oferece um ensinamento ou propõe determinados valores. Neste período da vida, as crianças adquirem progressivamente os valores e as normas de conduta de seus pais e da sociedade em que vivem. Esses valores e essas normas de conduta se transmitem por muitos meios, mas, sem dúvida, serão mais atraentes e compreensíveis se forem encarnados em personagens fantasiosos com os quais as crianças se identificam.

Especialmente para o Ramo Lobinho, o Projeto Educativo não deve ser apenas pregado, mas acima de tudo praticado. Para as crianças, o processo que vai do pensamento à ação não segue uma relação lógica entre escutar, interpretar e agir, visto que muito mais forte é a relação direta e espontânea entre observar e imitar. Só ao final do período que compreende o Ramo, na medida em que se aproxima do pensamento lógico, a criança irá descobrindo o porquê dessa forma de ser. Até lá, valores e normas operam em sua vida de maneira espontânea e natural.

2.3.5 Desenvolvimento Social na perspectiva do Ramo Lobinho

Como já foi citado anteriormente, o Movimento Escoteiro busca o desenvolvimento pleno do sujeito. Considerando a ênfase educativa do Ramo, bem como os objetivos do presente trabalho, será descrito com maiores detalhes a área de desenvolvimento social das crianças, sob o olhar do Escotismo.

De acordo com o livro “De Lobinho a Pioneiro: a criança e o jovem com quem lidamos”, editado pela UEB (2015), nessa fase da vida, a criança deixa o ambiente familiar, do lar, da creche, para ampliar seus horizontes. A incorporação da criança à escola é o início de um processo gradual de desligamento dos pais. Ela começa a formar grupos para jogos, a fim de satisfazer sua necessidade de gastar energia e como meio de atender à necessidade de adaptação social. Esses grupos significam, para a criança, independência e imitação do mundo dos adultos; companheirismo e responsabilidade para com o grupo; oportunidades de diversão e de atividades sociais.

Então, o objetivo do desenvolvimento social nessa fase é o de trabalhar o encontro com os outros, pois não se pode falar de desenvolvimento integral da personalidade se não ocorre a educação da dimensão social do indivíduo. E é por isso que lobinhos e lobinhas experimentam desde muito cedo, na Alcateia, por meio de atividades e de pequenos projetos, as atitudes de integração e de serviço ao próximo e o valor da solidariedade.

Para o Ramo Lobinho, o personagem que reflete esse encontro é Kotick, a foca branca que faz parte de um dos contos de Rudyard Kipling (1894). Ela é uma jovem foca, que acaba salvando seus semelhantes da morte em virtude de suas ações rumo a um local seguro. No desenvolver da história, ela apresenta como virtude a saída de si para ajudar os outros, estimulando a solidariedade com os demais.

Mais do que trabalhar com o cumprimento de tarefas, o Escotismo incentiva a criança na aquisição de competências, que são conhecimentos adquiridos e que a mesma consiga aplicar. Essa aplicação do saber gera uma atitude, ou seja, uma ação que é incorporada à sua vida. Essas competências são conquistadas por meio de tudo o que a criança faz dentro e fora da Alcateia.

2.3.6 Baden-Powell e as deficiências

Baden-Powell foi firme em seu apoio aos escoteiros com deficiência e em 1919, em “Aids to Scoutmastership”, ele reconheceu que algumas adaptações eram necessárias, encorajando o uso de testes especiais ou alternativos. Todavia, acreditava que deveria ser evitada a superproteção e o paternalismo: “O maravilhoso nestes meninos é sua animação e ansiedade em fazer o máximo no Escotismo que suas possibilidades permitem. Eles não querem testes nem tarefas especiais mais do que o absolutamente necessário” (WORLD SCOUT BUREAU, 2008).

Portanto, o Escotismo se configura como uma ferramenta, ou seja, um meio através do qual a pessoa com deficiência encontra subsídios necessários para desenvolver ao máximo

suas capacidades, bem como minimizar suas dificuldades. Através da vivência do Método Educativo Escoteiro, ela aprenderá sobre vida em equipe e ao mesmo tempo sobre autonomia, criando uma atmosfera de aceitação (tanto dela consigo, quanto dos outros para com ela) e inclusão efetiva. Vale salientar que existem outras formas de incluir, entretanto o Escotismo vem como uma alternativa, que ainda é pouco conhecida pelas pessoas com deficiência.

3 MÉTODO

3.1 Delineamento

O presente trabalho se caracteriza como uma pesquisa de caráter qualitativo e exploratório, assumindo a forma de estudo de caso.

3.2 Participantes da pesquisa

Participou do estudo uma criança com Síndrome de Down de oito anos, sexo feminino, integrante de um Grupo Escoteiro cuja Sede funciona em João Pessoa – PB; quatro chefes escoteiros; pais da criança, todos também pertencentes ao referido Grupo.

3.3 Instrumentos

Para a construção e realização desta pesquisa foram utilizados três instrumentos:

Protocolo de observação das atividades na Sede dos Escoteiros (Apêndice A): o protocolo utilizado foi preenchido com informações acerca das atividades desenvolvidas a cada dia de observação, dos sujeitos presentes no ambiente (ex.: quantos são; a que sexo pertencem; suas idades), do local (ex: características do lugar) e das relações estabelecidas entre eles (ex: a criança com Síndrome de Down com seus pares e os chefes escoteiros).

Entrevista semiestruturada com os chefes escoteiros (Apêndice B): a entrevista realizada com os chefes escoteiros conteve perguntas sobre a percepção deles acerca das pessoas com deficiência; como é o trabalho quando se tem uma criança com Síndrome de Down durante as atividades; como é a interação da criança com as demais; como se dá a relação deles com a criança; o que entendem por desenvolvimento social e a percepção deles acerca das contribuições do Escotismo para o desenvolvimento social de crianças com Síndrome de Down.

Entrevista semiestruturada com os pais da criança (Apêndice C): a entrevista realizada com os pais conteve perguntas sobre a reação deles quando souberam que teriam uma criança com Síndrome de Down; sua percepção acerca das pessoas com deficiência; o desenvolvimento da criança; seu processo de escolarização; seu ingresso no Movimento

Escoteiro; o que eles entendem por desenvolvimento social e as contribuições do Escotismo para o desenvolvimento social da filha.

3.4 Procedimento

Inicialmente foi solicitada autorização aos pais da criança, através de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice D), para que a mesma pudesse participar do presente estudo de caso. Os mesmos foram informados sobre a preservação da identidade da criança e que poderia haver desistência da participação em qualquer momento da pesquisa, sem nenhum prejuízo. Posteriormente, um Termo de Consentimento (Apêndice E) também foi assinado pelo presidente do Grupo Escoteiro do qual a criança faz parte, pedindo autorização para que fossem realizadas as observações e as entrevistas durante as atividades. Após a concordância dos responsáveis, deu-se início ao protocolo de observação, que ocorreram durante as tardes de sábado, entre os meses de Agosto e Setembro, somando o total de quatro semanas. As entrevistas foram realizadas durante o mês de Setembro, tanto com os pais da criança, quanto com os chefes escoteiros do Ramo Lobinho. Esse termo é utilizado para caracterizar a faixa etária, bem como o perfil das atividades desenvolvidas pelos participantes. O referido Ramo é composto por crianças entre 6 anos e meio e 10 anos. Cada dia de observação compreendeu o tempo médio de duas horas e, para as entrevistas, foi necessário um tempo médio de vinte minutos.

3.5 Análise dos dados

Após a aplicação dos instrumentos, os dados foram analisados mediante análise do conteúdo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta sessão serão relatados e discutidos os resultados obtidos mediante as observações realizadas, bem como através das entrevistas feitas com os chefes escoteiros e os pais da criança. Salienta-se que serão descritos, em ambos os instrumentos, os dados que responderam de forma mais satisfatória aos objetivos da pesquisa.

4.1 OBSERVAÇÕES

As observações ocorreram entre os meses de Agosto e Setembro. A criança será identificada nesse estudo com o nome fictício de Maria, visando à preservação de sua identidade.

No dia 13 de Agosto, as atividades ocorreram na Sede do Grupo Escoteiro do qual a criança faz parte, entre 14h30min e 16h30min. Uma das estratégias de aprendizagem trabalhadas no Escotismo é o uso de canções e neste dia foram utilizadas quatro delas. A criança manteve o interesse nas três primeiras, porém na última dispersou a atenção. A dispersão perdurou durante as atividades seguintes e a menina permaneceu distante dos demais pares, preferindo brincar com outra criança de idade menor, que não pertencia ao Grupo Escoteiro. No que concerne a postura dos chefes escoteiros, estes demonstraram ter uma boa relação com a criança. Quando, por exemplo, ela se machucou, um deles a levou para tratar o ferimento, incentivando inclusive a sua autonomia, quando a entregou o remédio para que ela mesma colocasse.

No dia 3 de Setembro, a atividade não ocorreu na Sede. Aconteceu na Praça da Independência, entre 08h30min e 11h da manhã. A criança chegou ao local demonstrando irritação. Ela se recusava a permanecer com as outras crianças de sua faixa etária, porém com os chefes estava interagindo satisfatoriamente. Depois desses primeiros momentos, ela demonstrou estar mais confortável no ambiente.

A atividade do dia 11 de Setembro foi um bivaque (atividade semelhante a um acampamento, porém com duração de apenas um dia), ocorrido no Campo Escola dos Escoteiros da Região Paraíba. Logo ao chegar, algumas crianças chamaram Maria para brincar de corda. De todos os dias, este foi o que mais se percebeu a interação entre os demais pares e ela. As próprias crianças a chamaram para brincar na corda e se propuseram a ajudá-la nas suas dificuldades. No primeiro jogo, a criança começou a perder o interesse pela atividade e quis se dispersar, entretanto outra criança percebeu e tomou a iniciativa de ir buscá-la. Em seguida, as crianças foram solicitadas a pegarem suas mochilas. Em outro momento, ela percebeu um colega no canto da parede e se aproximou, perguntou o que havia acontecido e quando ele disse ter se machucado, ela começou a fazer carinho nele.

No dia 17 de Setembro, último dia de observação, as atividades ocorreram novamente na Sede. Inicialmente, a criança preferiu ficar na companhia de dois outros chefes, ao invés de interagir com os demais pares. Passou longo período de tempo distante e quando retornou, a atividade seguinte estava em andamento e ela demonstrou não entender o objetivo do jogo. Porém, mesmo assim, buscou prestar atenção e conseguiu executar o que estava sendo proposto, demonstrando satisfação com o ocorrido. Nesse dia, não interagiu satisfatoriamente com as demais crianças, ficando mais tempo com a mãe.

Em síntese, percebeu-se que, quando a atividade exige longos períodos de concentração, a criança se dispersa com facilidade. Entretanto, quando se trata de canções, a

mesma demonstra interesse. Esse recurso trabalha, da criança ao adulto, habilidades como memória e atenção, além de proporcionar momentos de descontração e interação entre os participantes de forma lúdica.

Segundo Sampaio, Loureiro e Gomes (2015), muitos estudos apontam que, tanto a música instrumental quanto as canções consistem em excelentes elementos para estudo das emoções, em diversas culturas. Ela também favorece, dentre várias outras funções, a coesão social e o entretenimento.

No que diz respeito às mudanças de humor por parte da criança durante as atividades, isto não configura algo fora da normalidade. De acordo com Rodrigues (2008), o comportamento e o relacionamento afetivo dos indivíduos com SD revelam que eles reagem às situações da vida da mesma forma que qualquer outro indivíduo, apresentando variações em sua personalidade. A autora também ressalta que eles possuem uma sensibilidade que lhes leva a se preocupar com o que o outro está sentindo (sentimentos de tristeza, ira, dentre outros), o que justifica a atenção e cuidado que Maria teve com a outra criança que estava machucada.

Por fim, o que de mais relevante foi observado durante as atividades diz respeito ao relacionamento da criança com as pessoas de seu entorno. Os autores Lucisano, Pfeifer, Pinto, Santos e Anhão (2013) afirmam que a convivência em um ambiente solicitador, capaz de promover diferentes estímulos e uma diversidade de possibilidades de descobertas permite a plasticidade cerebral do indivíduo. Logo, os adultos são extremamente influentes na vida de uma criança em relação ao desenvolvimento cognitivo e social, mas o convívio com seus pares também é importante.

4.2 ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

4.2.1 Entrevistas com os chefes escoteiros

Quatro pessoas colaboraram com a pesquisa e estas foram identificadas como “C1, C2, C3 e C4” (o C representando a palavra chefe e os números escolhidos a fim de identificar cada um).

Quando perguntados sobre os principais aprendizados adquiridos com a presença de uma criança com Síndrome de Down dentro do Movimento Escoteiro, os chefes 3 e 4 responderam o seguinte:

“O respeito, o amor e o afeto, que passam a ser ingredientes enriquecedores em todo processo” (C3); “Particularmente, aprendi a

exercitar o amor que eles nos passam, bem como a paciência em algumas tarefas não entendidas, porém executadas de sua forma pessoal e de como essa criança tem capacidade de integrar e acrescentar ao Movimento” (C4).

Os seres humanos aprendem e ensinam coisas novas o tempo inteiro. Não há uma receita pronta para definir como tratar as pessoas ao nosso redor. ALVES (2013) ilustra isso quando fala que chega o momento no qual temos que ensinar os saberes não sabidos e interroga como é possível ensinar os saberes que não se sabe, fazendo uma metáfora entre um navegador, suas viagens e o que ele constrói nesse tempo. Diz que o navegador volta de suas viagens trazendo mapas que desenhou nos mares onde navegou. Esses mapas são metáforas do mundo dos saberes. Aquele navegador precisou passar pelo mar para poder desenhar os mapas. Os que tiverem acesso saberão navegar naqueles mares, mas aquele primeiro precisou passar por tudo, sem ter rotas ou instruções prontas. Assim ocorre quando se recebe o novo em determinado ambiente. Assim aconteceu com os chefes, que relataram ter aprendido mais sobre respeito, amor, afeto e paciência a partir do convívio com Maria.

Na pergunta que visava obter informações acerca de como é Maria nas atividades desenvolvidas dentro da Sede, os chefes 1 e 2 disseram:

“Tem seus momentos individuais, mas é participante e se esforça para fazer tudo com os outros, além de ser exemplo em iniciativa” (C1);
 “Ela é participativa e muitas vezes até toma iniciativa e se voluntaria na hora da oração” (C2).

Segundo Serrat (2002), os conceitos mais importantes acerca de inclusão são os de autonomia e independência. Autonomia significa condição de domínio no ambiente físico e social. Independência é a faculdade de decidir, sem depender de outras pessoas (membros da família, profissionais especializados e no caso específico do Escotismo, os escotistas). A autora também ressalta que a quantidade e qualidade do que é disponibilizado para a pessoa com deficiência fará diferença no seu processo de aquisição da independência, entretanto que a autodeterminação e prontidão para tomar decisões também são de suma importância. Cidadãos autônomos e responsáveis é a meta do Movimento Escoteiro. A postura de Maria já demonstra que, se os ambientes nos quais está inserida continuarem fornecendo os subsídios necessários, ela será uma adulta que participa ativamente da sociedade em que vive.

No que diz respeito à relação dos chefes com a criança, estes relataram que há uma atmosfera de carinho, cuidado, alegria e interação, com cooperação e espírito de equipe.

Também foi dito que se buscava haver igualdade no tratamento dela em relação às outras crianças, porém com cuidados redobrados.

Para Lucisano et al. (2013), o processo de interação social é uma das mais importantes tarefas do desenvolvimento da criança, caracterizando-se pela ampliação e refinamento do repertório de comportamentos sociais, além de proporcionar compreensão gradual de valores e de normas que regulam o funcionamento da vida em sociedade. Portanto, um ambiente com relações positivas, onde há cuidado, interação e cooperação entre os membros, com certeza irá favorecer o desenvolvimento da criança. Diante do que foi exposto pelos chefes, Maria encontra esse ambiente positivo durante as atividades escoteiras.

Concernente à interação dela com as outras crianças, um dos chefes relatou haver uma boa interação, onde o carinho e cooperação são trabalhados. Outro disse que, como toda criança, ela tem momentos de querer estar à frente. Um terceiro relatou que a criança amadureceu após a sua promessa escoteira. Antes, ela era uma criança temperamental e agressiva, entretanto, após sua promessa, seu temperamento melhorou e vem interagindo bem com todos e sendo bem aceita. Apenas um deles relatou uma visão negativa da relação dos pares com Maria, afirmando que algumas crianças demonstram rejeição.

A aprendizagem de normas de convivência e comportamentos tem início na infância, primeiramente na família e em seguida nos demais ambientes frequentados pela criança. Essa aprendizagem depende das condições que a mesma encontra nesses ambientes, o que influenciará na qualidade de suas relações interpessoais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005; ANHÃO; PFEIFER; SANTOS, 2010). Sendo assim, o cuidado com as necessidades das crianças, tenham deficiências ou não, será crucial para seu desenvolvimento.

Teixeira e Kubo (2008) trazem, em sua obra, dados acerca da presença de crianças com Síndrome de Down em escolas regulares. Eles afirmam que essa presença física não garante o estabelecimento de interações com os outros alunos e por isso não é indicativo de inclusão. As crianças tendem a interagir mais com colegas que apresentam desenvolvimentos acadêmicos semelhantes aos seus, bem como escolhem pessoas que julgam ser semelhantes a eles para serem seus amigos. As características das pessoas com Síndrome de Down tendem a dificultar o estabelecimento de interações. Trazendo as informações supracitadas para a realidade do Escotismo, tem-se nos escotistas agentes promotores de um ambiente facilitador, onde haja estabelecimento de vínculos de cooperação e amizade, aceitação das diferenças e respeito ao próximo.

Ao serem questionados sobre o que entendiam como desenvolvimento social dentro do movimento, os chefes 1 e 4 se colocaram da seguinte forma:

“Desenvolver minha visão para o mundo à minha volta, onde sou ser atuante. O que posso fazer para todos” (C1); “O desenvolvimento social trabalha e estimula o crescimento da pessoa dentro da sociedade. Sua convivência pacífica, participativa, o respeito ao próximo, etc. É viver bem numa sociedade” (C4).

Segundo Freire (1996), a Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas e as pessoas mudam o mundo. Um cidadão que tem esse entendimento trabalhado no seu dia a dia desde a infância, provavelmente será um sujeito atuante dentro da sociedade em que vive. O Escotismo faz esse convite e proporciona um espaço favorável a isso, não só para a Maria, mas para todos os que participam do Movimento Escoteiro.

A penúltima pergunta pedia a opinião dos participantes acerca de como o Escotismo pode contribuir para o desenvolvimento social de crianças com Síndrome de Down. De acordo com os chefes 1, 3 e 4:

“Primeiro: ser vista igual a todos; o ambiente fraterno faz ela ser mais segura e as atividades faz sentir importante e responsável” (C1); “Mantendo-a participativa, atuante e interagindo com todo o grupo” (C3); “Pode e deve contribuir de modo a integrar a criança com Down dentro da sociedade, mostrando sua capacidade de participação e interação, bem como fortalecendo nessa criança sua autoconfiança e desenvolvimento afetivo, físico e mental com todas as atividades que o Movimento tem” (C4).

Serrat (2002) evidencia a diferença entre integração e inclusão. Ela diz que ambos os conceitos se referem à inserção da pessoa com deficiência na sociedade. Todavia, a integração visa modificar (habilitar, reabilitar, educar) a pessoa com deficiência, para torná-la apta a satisfazer os padrões aceitos no meio social (familiar, escolar, profissional, recreativo, ambiental). Já a inclusão traz como papel a modificação da sociedade para torná-la apta a acolher todas as pessoas, a fim de que, a partir disso, atendam-se as necessidades comuns ou especiais de cada um, com ou sem deficiência. Diante disso, percebe-se que os chefes retrataram o conceito de inclusão como fruto da presença de uma criança com Síndrome de Down dentro no Movimento Escoteiro.

Por fim, foi perguntado se eles tinham sugestões para melhorar o desenvolvimento de pessoas com deficiência dentro do Movimento Escoteiro e quais seriam. Os chefes 1 e 4 expuseram que:

“Sim. A busca constante de informações e inserção do Movimento Escoteiro, em eventos e instituições da área como forma de divulgação e busca de parcerias (C1); “A sugestão que eu daria seria o aperfeiçoamento dos chefes e dirigentes de todos os ramos para terem um preparo mais adequado a determinadas deficiências como curso de linguagem em sinais, LIBRAS, etc.” (C4).

Conforme é possível perceber, o próprio Movimento sente a necessidade de uma maior participação. Lembra o dizer de Paulo Freire (2004), “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, no sentido de que quanto maior o diálogo entre as diversas instituições com fins educativos, mais se ganha com a convivência fraterna entre os escotistas e não escotistas.

4.2.2 Entrevista com os pais

O pai e a mãe da criança colaboraram com o presente estudo e serão identificados nesta sessão pelas letras “A” e “B”, objetivando preservar sua identidade. Quando questionados acerca da reação quando souberam que teriam uma filha com Síndrome de Down, foi relatado por eles que inicialmente houve medo, incertezas e a sensação de fim do mundo. Entretanto, o sentimento seguinte foi o de coragem.

A postura inicial dos pais de Maria é muito comum entre aqueles que recebem a notícia sobre a Síndrome. O nascimento de uma criança com SD tem repercussões em toda a família, apontando a necessidade de suporte aos seus membros, especialmente através de informações e acolhida adequada, para que possam buscar a melhor forma de reorganização familiar (NUNES; DUPAS, 2011). Segundo Silva e Dessen (2006), sentimentos como sofrimento e o processo de luto geralmente são relatados pelos pais ao receberem a notícia de que vão ter um filho com SD. Entretanto, também são relatados sentimentos positivos, como estima e preocupação diante do seu filho.

Em relação aos motivos que os levaram a inserir Maria no Movimento Escoteiro, foi dito que:

“Partindo de que criança aprende como outras crianças, encontrei interessante o Método Educativo Escoteiro pra Maria” (A); “Por acaso. Pensei de início na rejeição. A integração, sociabilização, o desenvolvimento psicoemocional de nossa filha” (B).

De acordo com Lucisano et al. (2013), o nível de inclusão que a pessoa com deficiência pode vir a desenvolver depende, em grande parte, da disponibilidade da sua

família em lhe permitir participar de diferentes ambientes e relações sociais, apesar das barreiras físicas e sociais existentes. Sendo assim, os pais de Maria demonstraram que, apesar da preocupação com a aceitação da filha, eles optaram por um ambiente educativo que ampliasse os horizontes desenvolvimentais da criança.

Quanto ao que consideram como principais aprendizados adquiridos com a presença de uma criança com Síndrome de Down dentro do Movimento Escoteiro, as seguintes colocações foram feitas:

“As pessoas percebem como é uma criança com Down. Se amplia a diversidade de pessoas dentro do Movimento” (A); “Tolerância por parte das outras crianças, sensibilidade pelas diferenças dentro do grupo. Ainda acredito que o maior desafio é para os adultos (chefes)” (B).

“Formatura: formar é colocar na fôrma, fechar. Um ser humano formado é um ser humano fechado, emburrecido. Educar é abrir. Educar é desformar” (ALVES, 2013, p.233). Essa citação traz consigo uma reflexão profunda e pertinente ao que se vem discutindo nesta sessão. Nossa sociedade foi formada, desde os primórdios, a conviver com o homogêneo. Aqueles considerados os melhores lotavam as salas de aula e os ambientes mais notáveis das pequenas e grandes cidades. Todavia, novas propostas pedagógicas passaram a olhar como positiva a participação ativa de diferentes indivíduos nos mais diversos espaços de convívio social. Porém, a forma como se vê a diferença ainda é fechada, formada. Movimentos como o Escotismo têm o dever de abrir, de educar, de desformar para desenvolver o melhor que há dentro de cada ser humano, para que as diferenças somem, ao invés de diminuir na relação entre as pessoas.

No que concerne ao que eles entendem por desenvolvimento social, relatou-se que se trata de adquirir boas relações com as pessoas. Quanto ao que consideram como contribuições do Movimento Escoteiro para o desenvolvimento social de crianças com Síndrome de Down, ambos expressaram um entendimento positivo sobre a inserção de pessoas com deficiência no movimento, visto que a criança com a Síndrome aprende sobre respeito, ajuda com os outros, limites e disciplina. Além disso, consideraram que a inserção contínua das crianças, de forma que se sintam inclusas, incentiva as demais, tidas por normais, a serem mais receptivas.

Por fim, sobre sugestões para que se possa melhorar o desenvolvimento de pessoas com deficiência dentro do Movimento Escoteiro, foram obtidas as seguintes respostas:

“Que os escotistas tenham um pouco de conhecimento sobre a deficiência da criança e conhecer com o passar do tempo as potencialidades dela, como com qualquer criança. É necessário preparar o escotista para lidar com pessoas com necessidades especiais” (A). “A inclusão das mesmas de forma ativa; a promoção de atividades ao ar livre que permitam a participação destas crianças; a promoção para que os adultos sejam persistentes na inclusão das crianças no grupo” (B).

Segundo Diniz, Anselmo e Anselmo (2012), a inclusão social consiste em tornar a sociedade um lugar viável para a convivência entre pessoas de todos os tipos e inteligências na realização de seus direitos, necessidades e potencialidades. A afirmativa supracitada está em consonância com o relato dos pais, que sugere a participação ativa da criança com Síndrome de Down na sociedade, da mesma forma que as demais. Freire (2004) fala em se criar possibilidades para a produção e a construção de conhecimentos. É o que se deve buscar no Escotismo: a criação das possibilidades, desconstrução de velhos e a construção de novos conceitos, a possibilidade de se abrir ao novo e a promoção de uma nova forma de ver velhas coisas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano já nasce com desejo de aprender e todas as experiências pelas quais passa servem para que ele adquira conhecimentos sobre o mundo. Há os saberes que os livros ensinam, mas há aqueles que a vida ensina. Nós aprendemos melhor quando colocamos em sintonia os saberes dos livros com os da vida. Na universidade aprendemos muito, mas para efetivar esse aprendizado e ampliar o olhar acerca das problemáticas que são trabalhadas na teoria, faz-se necessária uma vivência prática, um contato direto com as situações ocorridas cotidianamente.

Alves (2013) diz que uma pesquisa deve ser uma aventura por um mar que ninguém mais conhece. Um Trabalho de Conclusão de Curso é essa aventura, feita com base em um conhecimento teórico aprendido durante alguns anos, que se é aplicado pelo estudante objetivando a construção de algo novo.

O presente trabalho trouxe esse algo novo para os estudos em Educação na Paraíba. Visou, além de seus objetivos implícitos, expandir o conhecimento acerca do Escotismo: um movimento educativo, de caráter não formal, que busca a formação plena do indivíduo, estimulando o desenvolvimento de aspectos que coloquem serem autônomos e participantes ativos na sociedade. Esse mesmo movimento acolhe os diversos tipos de crenças, raças e classes e está tendo como norte, em 2016, o lema “Diversidades que nos unem”.

Neste cenário surge essa pesquisa, que para mim, é mais que uma pesquisa. Resgato novamente as palavras do saudoso Rubem Alves (2013, p.233), quando este diz que: “Educar é ensinar a pensar, isso é, a brincar com os conhecimentos, da mesma forma como se brinca com uma peteca”. É isso. Vejo a Educação para além de um conjunto de formalidades que regem a norma culta. Psicopedagogia, para mim, é mais do que saber que meu objeto de estudo é a aprendizagem humana, em seus aspectos normais e patológicos. É viver a aprendizagem humana e construir esse conceito ao vivê-lo. Pesquisas quantitativas são importantíssimas, mas creio que a qualidade dos dados tem tanta importância quanto. Por isso optei por falar qualitativamente da Educação, em uma esfera pouco explorada nas demais instâncias educativas. Dei um toque de ciência, quando resgatei diversos autores que pesquisam na área da Síndrome de Down, da Educação, do Escotismo e do Desenvolvimento Social, mas optei por encher meu trabalho com olhares que vão além de estatísticas.

Tracei por objetivos, ao iniciar minha navegação, conhecer as contribuições do Escotismo para o desenvolvimento social de crianças com Síndrome de Down, especificamente visando averiguar as contribuições do Escotismo para o desenvolvimento social de uma criança com Síndrome de Down na perspectiva dos chefes escoteiros; relatar a percepção dos pais dessa criança acerca dos contributos do Escotismo para o seu desenvolvimento social; retratar as relações estabelecidas entre uma criança com Síndrome de Down e os seus pares durante atividades de Sede; descrever as relações estabelecidas entre ela e os chefes escoteiros.

Então, foi possível perceber, através das observações e das entrevistas com os chefes e os pais da criança, que o Escotismo é de fato um agente promotor de práticas educativas inclusivas. Entretanto, ainda há longo caminho para percorrer rumo a uma inclusão mais efetiva, com mais pessoas com deficiência participando do Movimento Escoteiro e a veiculação de mais informação acerca de como lidar com as deficiências na prática (e não apenas através de manuais). Vale salientar que aqui foi abordado apenas o desenvolvimento social da criança, mas que se tem ciência de que as demais áreas estão se desenvolvendo em paralelo. Todavia, em virtude do tempo disponibilizado para aplicação da pesquisa, não foi possível uma análise prática e sistemática dos outros aspectos desenvolvimentais.

O presente trabalho também sugere uma proposta ousada: a de criar mais cursos informativos, a promover mais divulgação do Movimento, a convidar mais pessoas diferentes daquelas tidas por normais a participarem das atividades escoteiras, a promover mais momentos entre escoteiros e não escoteiros, na esfera educacional, para que haja o diálogo entre as mais diversas esferas educativas sobre o tema inclusão.

Segundo Freire (2004) é preciso diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, até que, num dado momento, a nossa fala entre em consonância com a nossa prática. Sendo assim, dirijo essa fala diretamente aos chefes escoteiros: que a aplicação do Método Educativo Escoteiro seja mais do que linhas desenhadas em um papel. Que a prática do “aprender fazendo” se torne constante, que se tenha sede por devolver à sociedade cidadãos ativos e comprometidos, que a vossa fala seja a vossa prática. Por fim, que o conhecimento seja vivo dentro de cada um, que sejam educadores por excelência, capazes de se comprometer com o Movimento ao ponto de transbordar interesse para as crianças e jovens.

SCOTISM AS A TOOL FOR INCREASING SOCIAL DEVELOPMENT IN KIDS WITH DOWN SYNDROME

Abstract: Down syndrome is a genetic disorder that modifies the correct number of chromosomes within the human species DNA. The insertion in a suitable sociocultural context will be of great importance for the adaptation of the people with Syndrome and the diverse environments frequented by them are essential tools for their development. Scouting is one of these spaces and is configured as a non-formal educational movement, which seeks to work the potentialities of the individual through six areas of development (character, social, affective, spiritual, cognitive and physical) using a method that is appropriate for each age group. The present work is a case study, which aimed to know the contributions of Scouting to the social development of children with Down Syndrome. A nine-year-old child, member of a Scout Group from João Pessoa participated in the research. An observation protocol and semi-structured interviews with four scout chiefs and the child's parents were used as the research instruments. It was noticed that Scouting is an agent that promotes inclusive educational practices. However, there is still a long way to go towards more effective inclusion, with more people with disabilities participating in the Scout Movement, and more information about how to deal with disabilities in practice. It is suggested the promotion of more courses, the invitation of more people with disabilities to participate in the Movement and the occurrence of more moments between scouts and non-scouts, so that there is dialogue among the various educational spheres on the theme.

Keywords: Scouting. Down Syndrome. Inclusion.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **Do universo à jabuticaba**. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2013.

ANGÉLICO, A.P.; DEL PRETTE, A. Avaliação do repertório de habilidades sociais de adolescentes com Síndrome de Down. **Psicologia Reflexão Crítica**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 207-217, 2011.

ANHÃO, P.P.G.; PFEIFER, L.I.; SANTOS, J.L. Interação social de crianças com Síndrome de Down na Educação Infantil. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.16, n.1, p.31-46, 2010.

BENETTI, I.C.; VIEIRA, M.L.; CREPALDI, M.A.; SCHNEIDER, D.R. Fundamentos da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. **Pensando Psicologia**, Colômbia, v. 9, n.16, p. 89-99, 2013.

BIBAS, J.M; DUARTE, A.M. Ideias de estimulação para a criança com Síndrome de Down: brincando e se desenvolvendo em casa. **Artes & Textos**, Curitiba, 2009.

BISSOTO, M. L. Desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem do portador de síndrome de Down: revendo concepções e perspectivas educacionais. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 4, p. 80-88, 2005.

BORGES, R.S. A deficiência na perspectiva de Vygotsky. (Monografia) Trabalho de Conclusão de Curso. Pedagogia. Universidade Estadual de Maringá. Cianorte, 2010.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

CAVALCANTE, C.T.M. A importância da responsabilidade social na iniciativa privada. Estudo de caso: o Escotismo como opção de investimento em Educação Não Formal. Dissertação de Mestre em Ciências da Administração e Valores Humanos. Unicapital - São Paulo, 2002.

COSTA, D.A.F. Superando limites: a contribuição de Vygotsky para a Educação Especial. **Rev. Psicopedagogia**, São Paulo, 23, n. 72, p. 232-240, 2006.

DEL PRETTE, Z.A.P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

DINIZ, M. M. F; ANSELMO, R. D.; ANSELMO Y. P. R. A inclusão de pessoas com dificuldades de aprendizagem. In: Inclusão – políticas e práticas, org. ANSELMO, R. D; E. S. Editora Universitária da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GAI, D.N.; NAUJORKS, M.I. Inclusão: contribuições da teoria sócio-interacionista à inclusão escolar de pessoas com deficiência. **Revista Educação do Centro de Educação**, Universidade Federal de Santa Maria, v. 31, n. 2, 2006.

LUCISANO, R.V.; PFEIFER, L.I.; PINTO, M.P.P.; SANTOS, J.L.F.; ANHÃO, P.P.G. Interações sociais de crianças pré-escolares com Síndrome de Down durante atividades extracurriculares. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 66, n. 1, p. 116-22, 2013.

MARQUES, R.C.; MARREIRO, D.N. Aspectos metabólicos e funcionais do zinco na Síndrome de Down. **Revista Nutr.**, Campinas, v.19, n.4, p.501-510, 2006.

MOREIRA, L. MA; EL-HANI, C. N; GUSMÃO, F. AF. Gusmão. A Síndrome de Down e sua patogênese: considerações sobre o determinismo genético. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 22, n. 2, p. 96-97, 2000.

MUSTACHI, Z.; PERES, S. **Genética baseada em evidências: síndromes e heranças**. São Paulo: CID, p. 817-894, 2000.

NUNES, M.D.R.; DUPAS, G. Independência da criança com síndrome de Down: a experiência da família. **Revista Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, SP, v.19, n.4, 2011.

ORÉFICE, R.S.R. **Síndrome de Down: vivências e expectativas maternas**. 211 f. (Dissertação) Mestrado em Psicologia da saúde - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2006.

RODRIGUES, E.C. Avaliação das características de afetividade em crianças e jovens com Síndrome de Down. (Dissertação) Mestrado em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

RODRIGUES, J.M.C. **Pessoas com Síndrome de Down: uma reflexão para pais e professores**. Rio de Janeiro. Wak Editora, 2015.

SAMPAIO, R.T.; LOUREIRO, C.M.V.; GOMES, C.M.A. A Musicoterapia e o Transtorno do Espectro do Autismo: uma abordagem informada pelas neurociências para a prática clínica. **Per Musi- Revista Acadêmica de Música**, Belo Horizonte, n. 32, p.137-170, 2015.

SERRAT, F.B.M. A Inclusão de Crianças e Jovens Portadores de Necessidades Especiais no Movimento Escoteiro no Brasil. Especialização em Psicopedagogia. Universidade Paulista. São Paulo, 2002.

SILVA, C.M.L. **A Contribuição do Movimento Escoteiro na Educação do Brasil: Aspectos do Projeto Político Pedagógico do Movimento e reflexos na educação para a cidadania**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de São Paulo – Escola de Artes, Ciências e Humanidades. São Paulo, 2012.

SILVA, N.L.P.; DESSEN, M.A. Crianças com e sem Síndrome de Down: valores e crenças de pais e professores. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.13, n.3, p.429-446, 2007.

_____. Crianças com Síndrome de Down e suas Interações Familiares. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, RS, v.16, n.3, p. 503-514, 2003.

_____. Famílias de crianças com síndrome de Down: sentimentos, modos de vida e estresse parental. **Interação em Psicologia** – UFPR, Curitiba, v.10, n. 2, p. 183-194, 2006.

_____. Síndrome de Down: etiologia, caracterização e impacto na família. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v.6, n.2, p. 167-176, 2002.

SILVEIRA, L.L. Um estudo sobre a interação mãe-criança com Síndrome de Down. (Dissertação) Mestrado em Psicologia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.

TEIXEIRA, F.C.; KUBO, O.M. Características das interações entre alunos com Síndrome de Down e seus colegas de turma no Sistema Regular de Ensino. **Revista Brasileira Educação. Especial**, Marília, v.14, n.1, p.75-92, 2008.

THOMÉ, N. Movimento Escoteiro: Projeto Educativo Extra-Escolar. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.23, p. 171–194, 2006.

TRONCOSO, M.V.; DEL CERRO, M.M. **Síndrome de Down: Leitura e escrita**. Um guia para pais, educadores e professores. Porto Editora, Porto, 2004.

UNESCO NEWS. Paris: UNESCO, v. 62, outubro, 1981.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. As características essenciais do Escotismo. Escritório Nacional. Curitiba, 2011.

_____. De Lobinho a Pioneiro: a criança e o jovem com quem lidamos. Escritório Nacional. Curitiba, 2015.

_____. Escotismo e Valores. Escritório Nacional. Curitiba, 2013.

_____. Escotismo na Prática. Escritório Nacional. Curitiba, 2011.

_____. Manual do Escotista do Ramo Lobinho. Escritório Nacional. Curitiba, 2013.

_____. Princípios, Organização e Regras. Escritório Nacional, Curitiba, 2013.

_____. Projeto Educativo do Movimento Escoteiro. Escritório Nacional. Curitiba, Sem Ano.

_____. Relatório Anual. Escritório Nacional, Curitiba, 2014.

_____. Relatório Anual. Escritório Nacional, Curitiba, 2015.

VYGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 1 ed., São Paulo: Ícone/ Editora da USP, 1988.

WORLD SCOUT BUREAU. **Diretrizes do Escotismo para Pessoas com Deficiência**. Suíça, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO – ATIVIDADES DE SEDE	
Dia:	Hora:
Relações estabelecidas:	
Criança com os demais pares (tomar nota das atitudes verbais e não verbais):	
Criança com os chefes escoteiros (tomar nota das atitudes verbais e não verbais):	
Observações gerais:	

APÊNDICE B

ENTREVISTA – CHEFES ESCOTEIROS

A presente pesquisa tem por objetivo geral conhecer as contribuições do Escotismo para o desenvolvimento social de crianças com Síndrome de Down. Está sendo executada pela graduanda em Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba, Vanessa Araújo Toscano de Brito, sob a orientação da Profª Drª Janine Marta Coelho Rodrigues. Você, como chefe escoteiro, está sendo convidado a participar, respondendo as perguntas que lhe serão feitas. Salienta-se que poderá desistir das respostas em qualquer momento da entrevista, sem nenhum prejuízo ou dano. Assegura-se o caráter sigiloso da sua identidade, porém será preciso seu consentimento para que seja dado prosseguimento à pesquisa. Você pode colocar apenas a sua rubrica no espaço abaixo:

Eu _____ li e concordo em participar do presente estudo.

1. Em sua opinião, quais os principais aprendizados adquiridos com a presença de uma criança com Síndrome de Down dentro do Movimento Escoteiro?
2. Como é a criança nas atividades desenvolvidas dentro de Sede? (Exemplo: ela é participativa, entende as instruções dadas e as segue)?
3. Como é a sua relação com a criança?
4. Como é a interação dela com as outras crianças? Como se dá essa interação? Elas a aceitam?
5. No Movimento Escoteiro nós trabalhamos seis áreas do desenvolvimento. O que você entende por desenvolvimento social?
6. Em sua opinião, como o Escotismo pode contribuir para o desenvolvimento social de crianças com Síndrome de Down?
7. Você tem sugestões para que se possa melhorar o desenvolvimento de pessoas com deficiência dentro do Movimento Escoteiro? Se sim, quais?

APÊNDICE C

ENTREVISTA – PAIS DA CRIANÇA

A presente pesquisa tem por objetivo geral conhecer as contribuições do Escotismo para o desenvolvimento social de crianças com Síndrome de Down. Está sendo executada pela graduanda em Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba, Vanessa Araújo Toscano de Brito, sob a orientação da Prof^{ra} Dr^a Janine Marta Coelho Rodrigues. Você, como pai ou mãe de uma criança com Síndrome de Down, pertencente ao Movimento Escoteiro, está sendo convidado (a) a participar, respondendo as perguntas que lhe serão feitas. Salienta-se que poderá desistir das respostas em qualquer momento da entrevista, sem nenhum prejuízo ou dano. Assegura-se o caráter sigiloso da sua identidade, porém será preciso seu consentimento para que seja dado prosseguimento à pesquisa. Você pode colocar apenas a sua rubrica no espaço abaixo:

Eu _____ li e concordo em participar do presente estudo.

1. Qual foi a sua reação quando soube que teria uma filha com Síndrome de Down?
2. Por que você achou interessante a inserção dela no Movimento Escoteiro?
3. Em sua opinião, quais os principais aprendizados adquiridos com a presença de uma criança com Síndrome de Down dentro do Movimento Escoteiro?
4. No Movimento Escoteiro nós trabalhamos seis áreas do desenvolvimento. O que você entende por desenvolvimento social?
5. Em sua opinião, como o Escotismo pode contribuir para o desenvolvimento social de crianças com Síndrome de Down?
6. Você tem sugestões para que se possa melhorar o desenvolvimento de pessoas com deficiência dentro do Movimento Escoteiro? Se sim, quais?

APÊNDICE D

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A pesquisa tem por objetivo geral conhecer as contribuições do Escotismo para o desenvolvimento social de crianças com Síndrome de Down e será desenvolvida pela graduanda do curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba, Vanessa Araújo Toscano de Brito, sob orientação da Prof^a Dr^a Janine Marta Coelho Rodrigues, também pertencente a referida Instituição.

Como se tratará de um estudo de caso a ser realizado com uma menor de idade solicita-se por meio deste termo a autorização dos pais ou responsáveis pela criança _____, para que a mesma possa participar da pesquisa. A identidade dela será mantida em sigilo e poderá haver desistência em qualquer momento do estudo, sem nenhum prejuízo. A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário. Para mais informações, segue os contatos de e-mail e telefone: (83)99665-0083; vanessatoscano28@hotmail.com.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou meu consentimento para a participação da minha filha na presente pesquisa. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento.

Assinatura da Mãe

Assinatura do Pai

Vanessa Araújo Toscano de Brito (Concluente de Psicopedagogia)

Janine Marta Coelho Rodrigues (Professora Orientadora)

APÊNDICE E

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A pesquisa tem por objetivo geral conhecer as contribuições do Escotismo para o desenvolvimento social de crianças com Síndrome de Down e será desenvolvida pela graduanda do curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba, Vanessa Araújo Toscano de Brito, sob orientação da Prof^a Dr^a Janine Marta Coelho Rodrigues, também pertencente a referida Instituição.

Solicita-se por meio deste termo a autorização do Diretor Presidente do _____, para que a pesquisa possa ocorrer nas dependências da Sede. A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário. Para mais informações, segue os contatos de e-mail e telefone: (83)99665-0083; vanessatoscano28@hotmail.com.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou meu consentimento para a livre circulação de Vanessa Araújo Toscano de Brito nas dependências da Sede do _____. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento.

Assinatura do Diretor Presidente

Vanessa Araújo Toscano de Brito (Concluinte de Psicopedagogia)

Janine Marta Coelho Rodrigues (Professora Orientadora)